

Nº 1817

FRENTE DOS
ARTISTAS POPULARES
E INTELLECTUAIS
REVOLUCIONARIOS
Nº 4 - ABRIL 1977

J. PARENTÉL

BOLETIM DA FAPIR

RFE

REVIVER
LAGRIMAS D ALEGRIA

25



abril

festival



popular



Porto
7



FESTIVAL
POPULAR DO

25 de ABRIL



Três anos depois ...

A 25 de Abril de 1974, com tanques e soldados nas ruas; o povo, ignorando os comunicados que o mandavam ficar em casa, veio para a rua e fez história; lado a lado com os soldados, libertou todos os presos políticos, caçou e prendeu pides, explodiu em cantos e danças pelas ruas e praças de todo o país.

Nesse dia, o povo, em muitos lugares deste país, tomou a história em mãos e imprimiu-lhe a sua velocidade. O regime fascista foi derrubado com a alegre violência que só o povo pode ter; patrões parasitas, os seus lacaios e bufos foram corridos das fábricas, empresas e escritórios, etc., etc...

O povo unido na luta avançou passos de gigante no caminho da sua libertação total. Criou as suas escolas de poder. O relógio da história corria estonteantemente.

Lado a lado com a luta política, a cultura popular explodiu: o povo criava cantigas e peças onde as suas lutas eram contadas e exaltadas. A força da unidade popular aí estava com todas as suas consequências.

Durante meses e meses, o 25 de Abril foi avançando por Portugal dentro, numa onda avassaladora que fazia tombar fascistas e tremer capitalistas.

Os inimigos do povo não ficaram, como é natural, parados. Contra-atacaram. Primeiro, metendo-se no meio do movimento popular, criando falsas divisões e verdadeiros oportunismos, depois desmobilizando e finalmente atacando abertamente.

Durante todo este tempo que fizeram os artistas e intelectuais?

Todos saíram para a rua com o povo em 25 de Abril. Alguns ficaram lá e lutaram, outros voltaram a recolher-se à sua concha, outros ainda tentaram encavalitar-se.

Quando a pró-FAPIR nasceu, em 3 de Novembro de 1975, já muita água tinha corrido debaixo das pontes da nossa revolução. Já tinha passado o grandioso momento da total unidade na luta; passara-se ao tempo da divisão acentuada, baseada em questões que, muitos hoje, ainda não sabemos explicar.

A pró-FAPIR foi fruto exclusivo da necessidade que sentimos de nos unirmos no essencial, para lutarmos, lado a lado, com o povo, contra os seus grandes inimigos, que víamos avançar por todo o lado. Vinte e dois dias depois era 25 de Novembro, dia do primeiro ataque em força ao 25 de Abril, que o Povo tinha feito nas ruas.

Nós, na pró-FAPIR, ainda não sabíamos muito bem como cimentar a nossa unidade; tínhamos apenas um grande desejo dela. Assim, com tropeções e avanços, aqui caindo, além saltando, fomos dando forma à FAPIR.

Hoje, três anos após o 25 de Abril, ano e meio após o 3 de Novembro, o que somos?

Ainda não somos a Grande Frente que teremos de ser nem a frente que poderíamos ser. Muitos artistas populares existem que ainda nem sequer nos conhecem; muitos intelectuais desejosos, como nós, de lutar contra o fascismo, e o imperialismo, ainda não estão aqui connosco, muitos apenas porque desconhecem o que verdadeiramente somos.

O Festival Popular do 25 de Abril, no Porto, é a primeira grande iniciativa unitária em que nos empenhamos. Não sendo a FAPIR responsável pela sua realização, terá de ser a FAPIR a melhor lutadora pela sua concretização. Se o conseguirmos, daremos um grande passo em frente na afirmação de que realmente a nossa vontade de unidade e luta é inabalável. O sectarismo levará uma grande machadada e a Grande Frente dos artistas e intelectuais, um impulso poderoso.

... E de hoje a um ano, este artigo será substancialmente diferente!

O Secretariado Nacional Provisório

ESTÚLIOS DO PASSADO

(EM ESTILO DE EPOPEIA)

Falam-nos da nossa história antiga
de milénios carcomida,
como visões do fantástico e da magia,
onde os grandes senhores da cavalaria
faziam sombra a todo um século
defrontando com fronte altiva
a injúria, a ofensa e a mentira.

Mas, senhores, porque é que tão gloriosos feitos,
tantas batalhas ganhas e mouros mortos,
continuamos nós a ter uns filhos magros
e outros tortos,
de olhos inchadinhos como pérolas
— ah...a nossa grande riqueza de olhos
inchadinhos como pérolas —
e ter de esticar a gaita ao fim do mês,
como os velhinhos da ilha da nossa rua
esticam o pernil em cada inverno
porque diga-se, de passagem, se não há água canalizada
em cada maravilha destas casas,
há o vento e a geada e a chuva de madrugada
que nos inunda o rosto de poesia
mas que, coitada, também encharca
a gente que está deitada
e forra as paredes todo o dia,
e eu digo à minha mulher:
— Co'os diabos, não se pode ter tudo, Maria!
pois se calhar é destino
de quem tem história e passado tão distintos,
ter sempre os pés de molho em água-pia.



Ouviamos dizer em todos os livros
que naus e caravelas rasgaram o oceano
e fizeram seu aquilo
que às trevas pertencia
e desbravaram um mundo e inventaram outros,
na esfera armilar vincaram o selo nacional
e fizeram um império
maior que o romano, maior que o sumério,
tão grande,
que lhe chamaram colonial.



Mas então, porque é que tão gloriosos feitos,
tantas batalhas ganhas e mouros mortos,
tivemos nós que rasgar os peitos
de encontro à lança que se erguia altiva,
daquelas terras que então se dizia,
que nem vida lá existia
quando chegávamos e descobríamos...
Porque é que aos milhares e milhares
morríamos
nesse combate desigual.
Pois, senhores, não poderiam vocês ter-nos dito
que nada pode uma G3
contra a injustiça social e contra
um povo que se liberta da escravatura policial?
Tanto século de história,
tudo cheiinho de coisas importantes
não poderiam avisar-nos
deste pormenor, tão natural?

Disseram-nos que por duas ou três vezes
a Espanha nos invadiu, tomou a coroa e o reino,
embebedou-se nos bordéis,
comeu trigo das searas,
cagava e mijava onde bem queria
e mais prendia e violava.



De pedra se ergueram mosteiros, catedrais,
e em granito foram feitos palácios, castelos
e monumentos vários.
Grandes arquitectos, grandes construtores
e grandes dinheiros corriam por aí fora.
Isto vem tudo escrito na história
que nos conta e maravilha
os nosso olhos famintos de sonho e glória.

Mas, diabo, porque é que tão gloriosos feitos,
tantas batalhas ganhas e mouros mortos
e palácios e mosteiros construídos e batidos
no chão duro,
continuamos nós a morar com umas telhas
encostadas ao muro,
com um chuveiro que é o mais limpo que há,
pois a água da chuva nunca se contaminará.
É uma cama,
que parece uma orgia romana
onde dormem sete filhos, sete noites por semana.
E o cheiro da cozinha
entra pela retrete colectiva
e vice-verça e vice-verça.
Porque é, afinal, a nossa vida tão diversa
de que nos contam os grandes livros de anais
das conquistas imperiais?



Ah..., como nós ouvíamos
e gostávamos de ouvir falar
desses tempos,
das princesas, dos reis, dos frades e dos bispos
tão ricamente vestidos,
sempre em danças, banquetes e festas...
e só ouvíamos, sempre, essa parte da história,
de folia,
será que havia outra,
a dos soldados, dos pobres e mendigos,
será que havia?

(EM ESTILO DE EPOPEIA)



Mas porque raio, é que tantos gloriosos feitos,
tantas batalhas ganhas e mouros mortos,
tanta festa e dança,
tanta gente,
não ouvíamos nós a voz, ou o murmúrio fundo,
de outra parte do mundo,
dos soldados, dos pobres, dos mendigos?
Será que teriam amigos e inimigos?
Teriam castigos e abrigos?
É que, sabem senhores, nós gostaríamos imenso
de saber alguma coisa sobre essa gente,
porque enfim, é a nossa gente...
E gostávamos de saber se viviam ou morriam,
se se revoltavam, se gozavam, se...
ah..., como está escuro por aí...

Grande história! Grandes mares! Grandes céus!
Que grandes conquistas fizemos!
Que grandes colunas de ouro maciço implantámos!
Que grande fome!
Que grande povo de fome construímos!
Que grande passado!
Que grande herança do passado...!
Tão grande e tão pesada sobre as costas
que tivémos de virar rumo ao barco
e arrear a giga!
Tão grandes homens do passado
que foi preciso o povo inteiro vir à rua.

E agora dizem-nos da grande responsabilidade
que temos,
perante o nosso glorioso passado
e que não nos devemos envergonhar
da memória e das barbas dos nossos avós.

Mas nós não nos envergonhamos, senhores,
as coisas más foram vocês que as fizeram,
as boas, fomos nós.

João Loio

BOLETIM DA FAPIR

BOLETIM DA FAPIR (interno), nº4, 23 de Abril de 1977.
Sai todos os meses.

1

3 ANOS DEPOIS

2

ESTÚLIOS DO PASSADO
(em estilo de epopeia)



6

OS GRUPOS E O 25 DE ABRIL



12

UM HOMEM
NA REVOLUÇÃO



14

ARTES PLÁSTICAS



19

A CANÇÃO DA GENTE

20

POVOS NO 24 DE ABRIL



Morada provisória: Casa da "Comuna", à Praça de Espanha, Lisboa - Tel: 762624

Atelier Gráfico: Rua Vale Formoso, 18 Tel: 384493, Lisboa 6

A assinatura do BOLETIM DA FAPIR poderá ser feita por 12 números. O custo desta assinatura é de cem escudos para o não aderente e de setenta para o aderente.

Composição e Montagem: Av. 5 de Outubro, 176-4ºdt - Lisboa
Impressão: Grua Artes Gráficas, trav. das Almas 2-A - Lisboa

A Centelha

Falar do teatro antes do 25 de Abril é o mesmo que falar de toda a máquina repressiva do Estado fascista e em particular da Censura.

A Censura era um dos pilares em que assentava a ditadura. Era seu papel impedir que a inteligência e a razão chegassem a toda a parte. Com a desculpa de que se ofendia a moral e os superiores interesses da nação (leia-se Estado fascista) os homens do lápis azul iam impedindo toda e qualquer manifestação de arte, que não estivesse dentro dos parâmetros oficiais da tacahez e da brutalidade.

Em todos os sectores da intelectualidade se travou luta contra o obscurantismo e as contínuas lavagens ao cérebro, a que os mentores do regime submetiam o povo. Os trabalhadores de teatro também lutaram contra o fascismo, ombro a ombro, com os seus camaradas do teatro amador, ombro a ombro com todos os outros trabalhadores.

É por demais sabido que o teatro amador foi muitas vezes uma forma de resistir ao fascismo, elevando a consciência de muitas pessoas (actores e espectadores), fazendo-as acordar para a realidade e levando-as a tomar uma posição na luta de classes. Aliando uma grande riqueza imaginativa a uma consciência política cada vez maior, houve grupos amadores que atingiram um alto nível, quer na sua capacidade de comunicação, quer na qualidade artística dos seus trabalhos.

De entre estes grupos, não podemos deixar de salientar os exemplos do grupo "Lídia, a Mulher Tatuada e os seus actores amestrados" e do Campolide Atlético Clube. Se bem que os seus trabalhos (que não são comparáveis, pois tinham objectivos diversos) não fossem a alternativa popular para a cultura fascista, eles eram claramente resultado de um comprometimento com a luta antifascista do povo.

O panorama do teatro profissional encontrava-se repartido entre a companhia estatal (o Teatro Nacional) e as companhias dos Vascos Morgados e Cia... O antigo Secretariado Nacional da Propaganda (organização salazarista para a difusão das ideias fascistas) chegou mesmo ao ponto de organizar uma companhia itinerante chamada "Teatro do Povo", que percorria o país em "alegres serões para trabalhadores", difundindo o teatro e a cultura que lhe interessava. O fascismo não menosprezava o papel da cultura na formação das consciências. Contra este estado de coisas, começaram a reagir os profissionais antifascistas — os actores, os autores, e mesmo alguns

técnicos. Esta tendência veio a assumir um importante papel nos últimos anos do fascismo, com a formação de Grupos de Teatro independentes.

É evidente que o primeiro obstáculo criado pelo fascismo para impedir a prática teatral antifascista foi a censura. Mas mesmo com censura, com bufos e com pides, o teatro ia crescendo. Quantas vezes uma peça foi proibida no ensaio para a censura? E quantas vezes esse ensaio serviu para enganar a censura, sendo depois o texto representado como se não tivesse havido cortes?

E houve o 25 de Abril. Muitos actores e muitos autores repensaram o seu papel no desenvolvimento da sociedade. Cada vez foram mais nitidas as opções que se faziam, e finalmente começou a formar-se uma corrente de teatro antifascista, comprometido com o avanço do movimento popular. Entretanto os novos senhores da Secretaria de Estado da Comunicação Social foram procurando uma política cultural que servisse os seus interesses. Para isso chegaram ao ponto de tomar atitudes censórias, inspirados pelos mais altos cargos governativos. Tal é o caso do grupo de Teatro Feira da Lada, que viu a peça "Eva Perón", proibida a duas semanas da estreia. Essa peça atacava violentamente a corrupção do poder através do caso Eva Perón, na Argentina. Porém, a peça não era do agrado do embaixador da Argentina, e o governo (o 3º provisório) fez-lhe o favor de a proibir.

E houve o 25 de Novembro. Os novos senhores da Secretaria de Estado da Cultura começaram a definir uma política cultural ao serviço dos seus interesses. E começou a promoção da mediocridade.

Actualmente, a SEC cozinhou umas "Normas para a concessão de subsídios às companhias profissionais", que têm como objectivo, a curto prazo, a liquidação dos grupos profissionais, oferecendo-lhes condições de trabalho, que são dignas do aparelho de Estado fascista. Partindo do princípio de que a actividade teatral é rentável (o que é completamente falso, senão o sr. Vasco Morgado, na sua qualidade de capitalista do teatro, há muito já que teria investido o seu dinheiro no teatro que os grupos independentes fazem) o sr. David Mourão-Ferreira começa por negar o direito

dos actores e técnicos receberem o salário correspondente ao seu trabalho, para acabar pretendendo demonstrar que são os grupos os culpados da actual situação do teatro, porque não querem trabalhar. (Onde ouvimos já esta conversa?)

QUEREMOS O 25 DE ABRIL DO POVO NA SEC

Queremos que sejam impedidos de ter voz todos os saudosos do 24 de Abril, que há por toda a parte. Queremos que a SEC não nos impeça de, estar junto dos trabalhadores, permitindo-nos continuar a apresentar os nossos trabalhos a preços populares. Queremos que, no que diz respeito à cultura, a SEC cumpra o que vem expresso na Constituição. Queremos a política cultural que esperamos no 25 de Abril.

A Comuna

Abril 1974. Num velho barracão da antiga fábrica de Cervejas, na Av. Almirante Reis, a Comuna — Teatro de Pesquisa apresentava diariamente, com lotações esgotadas, a sua última criação: "A Ceia". Era a nossa resposta imediata ao clima de violência silenciosa em que vínhamos vivendo; as contradições do poder fascista, o clima asfixiante da vida quotidiana, a guerra colonial, o grito de um povo oprimido há 48 anos, eram o cenário real do nosso espectáculo, que assumimos, então, muito conscientemente, talvez como o último.

Por isso no dia 22 de Abril terminámos a carreira de "A Ceia" e preparávamo-nos para seguir para o Brasil, no dia 25, para durante algum tempo nos mantermos afastados de qualquer possibilidade de destruição do grupo e do poder de intervenção do seu trabalho.

Nesse Portugal de 24 de Abril o público já não era o espectador "normal": era o cúmplice, o companheiro, o camarada que, em silêncio, ou chorando a ponto de soltarem gritos de desespero, abandonava a nossa sala muito lentamente, sob o olhar vigilante do polícia de serviço, que impedia a continuidade do nosso diálogo, o encontro da resistência.

Era o tempo do público que ia ver o espectáculo 2, 3, 5 vezes. Do público que passámos a conhecer na rua, pela palavra de incitamento, pelo sorriso, pelo agradecimento. O mesmo público que nos dias "das lágrimas de alegria" nos reencontrava na rua, nas ocupações, nas manifestações e nos recordava o contributo do nosso trabalho para o 25 de Abril: "A vossa 'Ceia' também contribuiu para que isto acontecesse." A 26 de Maio de 74,



20 dias após a libertação, já as nossas portas estavam abertas, com "A Ceia 2".

Foi o tempo da descoberta. Do reencontro. Das interrogações. Dos primeiros diálogos de porta aberta, do espectáculo total: nós e o público. Foi o início da aprendizagem e da experiência sem desculpas. A denúncia do que tinha sido a censura, o boicote, a criação sob o silêncio e o medo. Era o tempo do público nos interrogar: "E agora vocês? O que vão criar? O muro foi derrubado, para lá dele o que existe?"

E veio o tempo da resposta: o país.

As campanhas de dinamização. O encontro com o verdadeiro povo que, por todo o país, começou a ver, na sua grande maioria pela primeira vez, o teatro, a ouvir a música, a ver o cinema, o circo. E lá andámos pelos quartéis, pelas aldeias, nas ruas, nos salões recreativos, nos bombeiros, nas escolas, nas "Casas do Povo", nos ginásios, nos celeiros, a representar a história que vivemos durante 50 anos. E aí encontramos, então totalmente, o outro público: o povo anónimo, espectador activo, acanhado, revoltado, que, mais do que assistente, era colaborador poderoso dos espectáculos, reconhecendo-se e querendo mudar o rumo das próprias peças, gritando contra os exploradores, os senhores que tão bem conheciam. Para nós, Comuna, a grande certeza de que o teatro lhes pertence e de que não há receitas para o teatro ser "popular". O teatro, esse estímulo para o diálogo que se sucedia após os espectáculos e que durava 3, 4 horas; o teatro, esse espelho da capacidade criativa de um povo, da sua riqueza, fonte profunda e inesgotável onde nós, artistas, não nos poderemos afastar, sob pena de todo o nosso trabalho e criatividade perderem o sentido, e tornarem-se mercadoria de ping-pong para uma sociedade decadente, que gera ídolos de papel, facilmente destruíveis.

O 25 de Abril foi também o derrubar das falsas realidades e unidades antifascistas que a pequena burguesia criava para sua autodefesa e descargo de consciência. Foi a descoberta da política e dos partidos; do sectarismo; do triunfalismo; das facilidades enganadoras; das maiorias invisíveis. Foram as novas tentativas de conciliação, do apadrinhamento, de convite à mediocridade e ao oportunismo. Foi o tempo das grandes opções. Da escolha da barricada. Das experiências mais desconhecidas. Foi o tempo das traições impensáveis, da inveja, da queda dos alibis burgueses e fascizantes. Foi o tempo da limpeza. Da depuração. Da descoberta total. Foi o encontro frontal entre a criação e aqueles para quem nós criávamos. Foi o incitamento do povo, agora abertamente, das suas lutas a entrar-nos pelo corpo adentro e a sair no trabalho, na

procura, nos resultados novos. Foi a recusa do paternalismo, de tutelas, de receitas mal lidas e pior praticadas. Foi o assumir do apartidarismo como arma pensada e profunda para o nosso trabalho. Foi a recusa de fecharmo-nos em círculos, em clientelas, em jogadas certas. Foi outra vez, de outra maneira, o assumir do risco, do novo, do imediato; foi o limpar dos vícios do isolamento, da solidão. Foi a ocupação da casa, a abertura das portas todas. Tem sido o tempo mais difícil, mas o mais rico. Tem sido o tempo mais acessível, mas o mais profundo. O mais transformador.

Tem sido o tempo da luta diária. Da disponibilidade total.

5 anos de um itinerário dividido em 2 anos antes, 3 anos depois. Unificado no mesmo sentido: "Resistir e ajudar a lutar. Lutar e ajudar a vencer". Quem, como, porque — perguntámo-nos muito antes que nos perguntassem os entrevistadores ou os desejosos de encontrar o desvio e a incorrecção. Respondemos muito antes que respondessem por nós. Vamos respondendo.



Grupo de Teatro dos CTT

No terceiro encontro de aderentes da FAPIR, realizado a 14 de Fevereiro, o grupo de Teatro dos CTT apresentou uma colagem de autos de António Aleixo, traduzindo a festa e a luta dum povo. O facto de ser um grupo de empresa, que nos aparece ligado a posições claras e justas, muitas interrogações terá suscitado nas pessoas.

Então caberá perguntar o que foi, como nasceu, o que é, para quê e para quem funciona este grupo.

Antes do 25 de Abril, existia nos CTT um grupo de Teatro, baseado na incentivação duma cultura burguesa, fomentando costumes de elite. Encenadores tais como Sarmento e Shultz, apenas fizeram com que o grupo funcionasse como um grupo de amigos, fomentando um classicismo amorfo, que em lugar de puxar pelo público, o afastava cada vez mais daquilo que a arte pode e deve transmitir.

Um ano de ensaios, para representar meia dúzia de espectáculos, com cenários altamente dispendiosos e pouca gente a assistir.

Tal actividade, a existir desta forma, exprimia claramente uma crise que varria Portugal dum lado ao outro, em qualquer que fosse o campo em que se situasse. Assim, há aproximadamente dois anos, antes do 25 de Abril, a actividade do grupo viu-se paralizada por fruto dessa mesma crise.

REVIVER LÁGRIMAS DE ALEGRIA

25 de Abril de 1974

O frenezim, a alegria, as corridas de um lado para o outro, o encontro, as conversas, os amigos, tudo, tudo, se liga a uma sociedade nova que a partir daí nos propusémos construir.

Nos CTT, as actividades culturais estavam quase extintas. Surgem eleições para a nova direcção do Centro de Desporto Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT (CDCR). A nova Direcção rapidamente lança mãos à obra e



vá de dinamizar as actividades Culturais. São alertadas as pessoas da empresa que o grupo de teatro vai recomeçar. Helder Costa é contactado para o dirigir em Março de 1975 e tudo começa como se nada ainda tivesse existido.

Helder Costa traça as directrizes de um teatro novo, ligado ao povo, ligado às perspectivas do 25 de Abril.

Em Maio de 1975, na Cova da Piedade, é estreado o "Auto do Curandeiro", e em Novembro do mesmo ano, "As duas caras do patrão", em Alcochete e o "18 de Janeiro de 1934" em Beringel.

Tudo isto nos trouxe uma obrigatoriedade organizativa, que se traduziu em saltos quantitativos e qualitativos. Elementos que abandonam e novos elementos que aparecem, tudo numa roda viva, aniquilando o individualismo, e sobrepondo-lhe o colectivo, negando o exibicionismo, apostando na transmissão das ideias do progresso, ligando o público ao actor e o actor ao público.

Os espectáculos multiplicavam-se de Norte a Sul do país (Braga, Vila Real, Vidago, Viseu, Caramulo, Carregal do Sal, Castelo Branco, Setúbal, Lisboa, Barreiro, Cova da Piedade, Alcochete, Beringel, Grândola, Beja, etc.)

Com a experiência tirada desta actividade, até então, directa com o povo, necessário era agora encetar um trabalho novo, mais directo ainda, em que todas as barreiras do actor-público fossem desmanteladas. Foi assim que se idealizou a peça "António Aleixo - Este livro que vos deixo" que mais não é que a afirmação de que o teatro é uma expressão da festa do povo e da sua luta diária pela liberdade, contra o obscurantismo e a exploração.

NOVOS RUMOS

Com o trabalho desenvolvido por Helder Costa que equivale, na prática, a um curso de formação de actores, de aprendizagem de dramaturgia e de encenação, novas perspectivas se apresentam para o lançamento de novos grupos, e assim, hoje como amanhã, iremos dizer que o teatro será do povo, com o povo, e para o povo.

A Feira

"A Cultura Popular, para nós, é parte integrante do povo que a criou, só que, de uma forma ou de outra, lhe foi roubada por quem o rouba também no dia a dia". Isto diz "A FEIRA" no seu manifesto que, em sua opinião, como toda a sua restante actividade, tem como alavanca o 25 de Abril:

- "Antes do 25 de Abril esta actividade, do ponto de vista ideológico,



era impossível, assim como o reportório que temos, pois mesmo que o tentássemos acabaríamos, de certeza, por "intelectualizá-lo". Só o 25 de Abril nos permitiu devolver ao povo o que com ele aprendemos. Antes disso era impossível. Não haveria os contactos que hoje temos e portanto a motivação para recolhermos música popular, que depois de trabalhada, devolvemos a quem a criou, não existia."

"A FEIRA" é composta, na sua maioria, por elementos sem qualquer actividade cultural até 24 de Abril. Depois alguns integraram o "GAC - VOZES NA LUTA" do Norte, até que há alguns meses se tornaram "A FEIRA". Desde aí realizaram já mais de trinta sessões em todo o Norte, dedicando-as a camponeses, operários e na maior parte a comissões de moradores, seja no apoio a lutas, ou em sessões culturais e recreativas.

Os Faz-Tudo

A Cooperativa de Teatro Colectivo Os Faz-Tudo formou-se em Fevereiro de 1976, portanto já depois do vinte e cinco de Novembro... Mesmo assim, o teatro que queremos fazer e que temos feito não seria possível antes do 25 de Abril de 74. Tomar declaradamente posição política em palco é uma das lágrimas, que pelo andar da carruagem, voltaremos a chorar a sua proibição. A censura, que foi inicialmente destruída e constitucionalmente abolida, prepara-se para regressar com formas mais subtis. Acreditar numa política cultural ao serviço das classes exploradas, foi uma ingenuidade que também já verificámos não ser intenção oficial. Lutámos por um subsídio que nos permitisse efectuar um trabalho numa aldeia de animação cultural; lutámos por um subsídio que nos permitisse praticar a exploração comercial do teatro; lutámos por um subsídio que nos permitisse viver, desenvolvendo um trabalho que consideramos útil ao processo revolucionário; lutámos e perdemos: não tivemos qualquer subsídio. Lutamos ainda por manter uma coerência entre a ideologia e a prática. Lutaremos enquanto for possível. Recusamos o saudosismo, mas relembrar o vinte e cinco de Abril de 74 é mesmo recordar lágrimas de alegria e lamentar com raiva tanta coisa. Os nossos erros. A nossa ignorância. A nossa ingenuidade.



Grupo de Teatro da Academia Dramática Familiar

Foi há cerca de 6 anos, que uma parte do grupo começou a fazer teatro. Ainda sem perspectivas políticas, mas animados pela vontade de fazer arte e dar às pessoas pobres do nosso bairro a possibilidade de ver teatro. Assim, começámos por pôr de pé, com o auxílio de uma pessoa que tinha o mínimo de conhecimentos do que era fazer teatro, uma peça que tinha o nome de "O Gebó e a Sombra". Outras mais se seguiram, como: "É Urgente o Amor", "As Alegrias do Lar" e "A Maluquinha de Arroios".

Dada a vigilância que o aparelho de Estado fascista exercia sobre as colectividades populares, difícil era transformá-las em armas de luta contra o regime existente que alimentava a alienação e o obscurantismo do povo.

Para melhor se perceber, damos um exemplo de como essa vigilância era exercida. Quando se elegiam novas direcções dentro das colectividades desta zona, estas eram convocadas pela Junta de Freguesia, onde lhes era dado o seguinte recado: — Na Colectividade **nada** de actividades políticas. Quando fizerem sessões culturais, não divulguem a música "dita" subversiva, como as de um tal Padre Fanhais, Zé Afonso, Sérgio Godinho, Manuel Alegre, etc. E seguidamente entregavam um papel, onde constavam os nomes de todos os poetas e cantores antifascistas.

Apesar de toda esta actuação, não se deixou de fazer algum trabalho antifascista. Num período anterior ao 25 de Abril, organizou-se uma sessão cultural sobre poesia e canto, onde se punha em contraste as poesias dos autores atrás referidos e as poesias do livro da 4ª classe, na altura em vigor.

Estava assim quebrado o primeiro elo da corrente fascista dentro da colectividade. Dois ou três meses depois deu-se o 25 de Abril e outras perspectivas se abriram a este grupo cultural.

Lançámos mãos à obra e montámos um trabalho de canto, teatro e poesia, em que Brecht, A. Aleixo, Tino Flores e outros, foram os eixos do nosso trabalho. O antigo ensaiador foi afastado e novas pessoas foram chamadas a participar. Começou a existir no grupo direcção colectiva, onde tudo era discutido por todos. Nasceu também no grupo a necessidade de contarmos com as nossas próprias forças, apontando assim, para adaptações



próprias, dado que, no mercado, pouco ou nada existia que satisfizesse o tipo de trabalho que gostávamos de ver realizado. Começámos por fazer um trabalho de pesquisa sobre autores e romances, cujas obras se identificassem com a situação política actual e com as necessidades culturais, que se

Teatro Universitário do Porto



Quisimos ainda um outro grupo, este vivo desde 1948 e com larga experiência — O TUP — e para que fique registado, não é aderente da FAPIR.

As estreias do TUP, no tempo da outra senhora, eram um acontecimento a que ocorria todo o bicho careta dito progressista. Não eram os veludos de outrora, eram as ideias e toiles de Paris 68, cozinhadas à mesa do "Piolho", que se refastelavam nas cadeiras das estreias. O ponto culminante desta época foi a encenação de "A SERPENTE" (à la LIVING), que de tão, tão "vanguarda" não chegou ao fim.

Depois disto o TUP ficou abandonado. Os estudantes desinteressaram-se de uma actividade que, apesar dos erros, era uma parte da sua luta contra o fascismo.

Alguns, ao verem isto, resolveram dar vida ao TUP novamente e montam a peça infantil "A História da boneca abandonada". Peça que se põe claramente ao lado do povo e sobretudo das crianças filhas dos trabalhadores explorados.

Estes estudantes tinham uma vincada posição antifascista e anticolonialista, que expressavam nas suas representações, tanto quanto era possível nesses tempos.

impunham ao nosso povo. Gorki e "A Mãe" foi por quem optámos.

É hoje a peça que apresentamos ao povo desde o início da campanha do general Otelo.

Já fizemos cerca de 50 representações, para cerca de 10 mil pessoas em fábricas, bairros pobres, colectividades e organizações populares. Fizemos várias deslocações à província e arredores de Lisboa nomeadamente ao Alentejo, Algarve, Leiria, Setúbal, Baixa da Banheira, etc.

Presentemente estamos a adaptar dois novos trabalhos de autores portugueses, que julgamos continuarem a ser temas que se identificam com os problemas que, de momento, se põem ao nosso povo: a luta antifascista e a luta pela Reforma Agrária. Um, visa o desmascaramento da Pide e o outro, a luta levada a cabo pelos camponeses pela posse da terra e melhores condições de vida.

Neste momento, somos 20 elementos e estamos a fazer esforços para chamar mais gente ao nosso grupo, para assim podermos responder, com mais prontidão, às solicitações que nos têm sido feitas.

O 25 de Abril explode. Como responde o TUP?

— "Continuámos a representar "A boneca abandonada". Mas abria-se então a possibilidade de fazer outras peças e de ter um contacto mais directo com o público. Acabara-se a censura. Podíamos escolher o que queríamos fazer."

— "Mas não soubemos aproveitar essa abertura. Fechámos o TUP aos estudantes e viramo-nos exclusivamente para a classe operária, para a agitação e propaganda das nossas ideias. Isto aconteceu por sectarismo partidário. Por causa disto quando acabamos as representações do "18 de Janeiro" (peça que havíamos escolhido após o 25 de Abril) estávamos isolados no meio universitário."

— "Mas nem tudo foi negativo. Com o 25 de Abril começamos a ser contactados por vários organismos populares (CTs, CMs, etc.) e a poder responder-lhes, o que nos permitiu contactar com o povo de quase todo o Norte do País".

Não criaram também um coro nessa altura?

— "O coro surge pelo descabro em que se encontrava o grupo de teatro. Como já não cabia mais gente no "18 de Janeiro" e havia que dar que fazer aos que iam aparecendo (era tudo gente que vinha pelo partidarismo), criou-se o coro. E também porque erradamente achávamos que era mais fácil cantar que fazer teatro."

Por sua própria culpa, para o TUP o 25 de Abril representou andar em marcha atrás, mas esses erros estão hoje corrigidos e o 25 de Abril do TUP não está longe.

Grupo Amador de Teatro de Oeiras

Formado inicialmente por elementos que apenas tinham a união o gosto pelo Teatro, isto em 72, o "GATO" veio mais tarde a preocupar-se com outras questões e a dar um sentido menos abstracto ao "gosto pelo Teatro", que aparentemente nos juntara. Já antes do 25 de Abril de 1974, se punham ao grupo questões que considerávamos importantes tais como: "qual a função do Teatro de Amadores; que público deve atingir; que linguagem deve utilizar". Nos programas das peças que montámos no tempo do fascismo, estas preocupações estavam não só implícitas mas, em alguns casos, claramente postas. Houve pois, desde muito cedo, uma clara opção do Grupo, se bem que, não globalmente.

Com 18 elementos, à altura da sua formação, o "GATO" chega ao 25 de Abril com apenas 12, dos quais somente 5 pertencem ao grupo inicial. Estes números por si falam dos problemas criados pelo debate de ideias e, mais plenamente, pela sua prática.

O 25 de Abril veio proporcionar ao grupo dar corpo a um tipo de trabalho teatral que antes apenas estava esboçado. A abolição da censura e o clima que se viveu propiciaram tomadas de posição mais radicais e a partir daí o "GATO" entra frontalmente na luta por um teatro empenhado, um teatro colocado decididamente ao lado dos trabalhadores e das suas lutas: é a opção definitiva; o fim das indecisões.

O primeiro espectáculo, montado depois de Abril é uma criação colectiva, a partir de vários textos coligidos pelo Grupo e de outros de nossa autoria. A peça chama-se "Passar a Palavra" e, socorrendo-nos do teatro documento, directo, tentamos fazer a história do fascismo em Portugal e na Europa e uma resenha dos movimentos de libertação, não só da África como da China, do Vietname, Cuba, etc... O grupo realiza com esta peça 35 espectáculos, na sua grande maioria fora do Concelho de Oeiras.

Esta peça coloca o "GATO" definitivamente na linha de um trabalho de grupo. Não nos é possível continuar a partir do "Passar Palavra", a funcionar de outra forma. As peças a montar serão todas criações colectivas. É certo que ainda existem desequilíbrios entre um e outro elemento, mas não há tarefas estanques, cérebros iluminados. Pouco a pouco, vamos descobrindo o equilíbrio necessário e possível.

Com a peça "Até à Vitória Final", o trabalho de grupo ganha corpo. Ainda com textos retirados deste e daquele autor, mas já em grande parte com textos elaborados pelo grupo, pequenos actos até como os "Explorados e Oprimidos", os textos de ligação, etc. Enquanto ensaiava esta peça, o "GATO" adere à FAPIR.

A adesão à FAPIR vem proporcionar um maior contacto, mais frequente pelo menos, com as massas trabalhadoras e vem enquadrar o Grupo numa luta "de frente" e não isolada, como era o nosso trabalho anterior. Com a adesão à FAPIR, o "GATO" está presente nas grandes jornadas da luta do Povo: está no 1º de Maio de 76, está na Campanha de Otelo, está com os GDUPs nas "municipais", está com as Comissões de Trabalhadores e Moradores, está nas herdades colectivas. E deste contacto directo com o povo, o grupo recebe lições inestimáveis. Aí se forja o espírito de equipa que o "GATO" está quase a ser. "Pensa Enquanto Tens Cabeça", o nosso próximo trabalho, é já uma peça elaborada, pensada, imaginada por nós, na sua totalidade. Bom ou mau, o nosso próximo trabalho é fruto do caminho percorrido desde Abril de 74 e, antes de tudo, da força e da imaginação que recebemos do povo. Para nós, a grande lição de Abril, foi o despoletar dessa torrente criadora.

Perante o que aconteceu no último encontro do dia 4-3, em que só apareceram 10 pessoas (quase todas do mesmo grupo) para apreciarem o trabalho do companheiro Fanha, o Grupo de Reportório decidiu suspender esta actividade das segundas-feiras até ao dia 10 de Maio.

Isto porquê? Custa-nos a crer que o desinteresse dos camaradas seja assim tão grande... por isso pensamos que se trata de uma sobrecarga de trabalho durante este mês de Abril.

De qualquer forma queríamos deixar clara uma coisa: a FAPIR não pode ser obra de 2 ou 3 grupos. A FAPIR tem que ter actividade. Os grupos e individuais que a compoem

têm que se conhecer, que saber dos trabalhos uns dos outros, de os criticar, para que eles possam tornar-se melhores.

Isto não se consegue com a participação de tão poucas pessoas, como até agora tem acontecido. Por isso, companheiros, nós esperamos que a partir de Maio nos voltaremos a encontrar. Mas todos!

Só mais uma coisa: o grupo de reportório conta apenas com três colaboradores, todos do sector das músicas. Além de sermos poucos, fazem falta camaradas de teatro, de cinema, etc... Aqui deixamos o isco: as reuniões são às 3^{as} feiras às 19 horas.

Grupo de Reportório

Coro Popular do Lago

Os camaradas que fundaram o "CORO POPULAR DO LAGO" eram elementos do coro da Igreja do Marquês, bem como da "Conferência de Jovens de S Vicente de Paula":

— "Já antes do 25 de Abril pensávamos que a "Conferência" não devia ter aquele aspecto de caridadesinha piegas. Com o 25 de Abril pensámos que devíamos apoiar os trabalhadores, nas greves por exemplo, e propusemos isso. Claro que foi recusado."

E no aspecto cultural o que faziam nessa época?

— "Estávamos a ensaiar o "Escurial" e "A Invenção do Amor" (sem sabermos que estavam proibidas), para um espectáculo que devia realizar-se no dia 27 de Abril. Nessa festa haveria também canções como o "Alerta". E fizemos mesmo a festa a 11 de Maio."

Qual foi a influência do 25 de Abril nesse grupo de então?

— "O 25 de Abril sublimou uma realidade que já existia, como por exemplo a questão da caridade. A limitação da "Conferência" no apoio às greves e a vivência duma nova realidade política fez-nos ver que não estávamos ali a fazer nada."

— "Em vista do descontentamento da malta do coro e com o que a vida nos mostrava, resolvemos avançar para um grupo que nos permitisse contactar com o povo e as suas lutas. E isto deu-se em Novembro de 74."

— "Entre Maio, data da Festa, e Novembro foi o agudizar de contradições no grupo, o procurar um caminho".

Vocês tinham ideias políticas mais ou menos claras antes do 25 de Abril?

— "Eu não. O primeiro comício a que fui foi do PS e saí de lá socialista."

— "Não, no grupo não havia qualquer politização, mas de qualquer modo, talvez fosse por instinto, tínhamos já posições progressistas."

— "Foi a aceleração do processo político, sobretudo as greves, que me fez clarificar as minhas posições."

Voltando à vossa actividade cultural. O que resolveram fazer quando formaram o novo grupo?

— "Queríamos fazer teatro (aliás o nosso nome era "TEATRO POPULAR DO LAGO"), mas como não tínhamos experiência e já cantávamos no coro da Igreja, acabámos por formar um Coro."

Com que opção cultural?

— "A partir do 25 de Abril tivemos que optar: optamos pela Cultura Popular e por propagandear as ideias revolucionárias, assim como as lutas do povo."

Grupo de Teatro de Mem Martins

Quem, antes do 25 de Abril, trabalhava em colectividades, sabe as dificuldades que, a par e passo, todos os antifascistas encontraram, quando lutavam para que o povo tivesse acesso à cultura.

Mas, apesar de tudo, as colectividades e associações de cultura e recreio tiveram um papel importante na luta contra a ditadura fascista. De Norte a Sul do país, os democratas e antifascistas aproveitaram todas, as poucas, possibilidades legais (as colectividades, por exemplo), e a partir daí, iniciava-se um intenso trabalho de esclarecimento, aumentando assim, a pouco e pouco, as fileiras dos que combatiam pela liberdade e pela democracia.

A todo o custo, e por todos os meios, os fascistas tentavam tapar estas pequenas brechas, que o povo ia abrindo na muralha do fascismo. Eles sabiam bem (e ainda sabem) o perigo que para eles representa um povo com conhecimento da sua própria cultura e esclarecido. Eles sabiam bem (e sabem) que a cultura popular é uma arma, e ainda para mais apontada na sua direcção. Por isso, o fascismo tinha que manter o obscurantismo, o analfabetismo, fomentar a alienação e aumentar cada vez mais a repressão.

As colectividades não escaparam à regra, e o controlo sobre elas tinha que ser feito. E era... desde os estatutos (com modelo obrigatório) ultrafascistas, à repressão sobre os sócios e directores mais conscientes, até aos caciques que tudo dominavam e a todos queriam dominar, passando, claro, pelas afiadas e reluzentes tesouras da censura.

Também o Mem Martins Sport Clube não escapava, e também aí os antifascistas ergueram uma Secção Cultural.

Arrancámos com a escola (alfabetização e 1º ciclo); com o cinema; com sessões de canto, teatro, e um projecto de jornal de clube.

E a direcção dizia:

— O Jornal... não pode ser!! Proibido!!

E a Direcção dos Serviços de Espectáculos dizia:

— O Zeca Afonso, o Zé Jorge Letria... não podem ir cantar ao MMSC!! Proibido!! — Alguns elementos da direcção batiam palmas. GNR à porta. E o cantor não ia.

Ou então, depois de a Academia dos Amadores de Música ou o Coro da Casa do Alentejo ter acabado de cantar, quando já os sócios e os elementos do coro petiscavam e confraternizavam, vinha um director e dizia: "O espectáculo acabou, a porta está aberta, façam favor de sair".

Era assim o dia a dia na nossa colectividade, mas, apesar disto, não desanimávamos e o trabalho avançava. A escola cada vez tinha mais gente e o teatro arrancara, com algumas semanas de "preparação do actor". Em seguida, debruçámo-nos sobre uma peça — "HISTÓRIAS PARA SEREM CONTADAS" de Osvald Dragun, por onde também já tinham andado as tesouras da censura. Ensaaios de leitura, ensaios de palco, e a pouco e pouco, o trabalho começava a ganhar forma.

O dia da estreia aproximava-se e, com ele, o mais tenebroso ensaio, o chamado Ensaio de censura, onde tínhamos que representar para os hediondos censores.

Dia 24 de Abril de 1974; dois camaradas do grupo de teatro dirigem-se à Direcção dos Serviços de Espectáculos, mais conhecida pela "Censura", para tratar da papelada. Papel selado, selos fiscais, e o ensaio da censura marcado para alguns dias depois.

Mas na madrugada de 25 de Abril souu o "Grândola Vila Morena" e o regime fascista caía, derrubado pelos oficiais do MFA e principalmente pelo povo, que saiu à rua com um vigor e uma alegria que no dia 24 não podíamos sequer imaginar.

A máquina que sustinha o regime depressa se desmantelava.

A censura, a Pide, a legião desabavam sob a fúria popular.

Já podíamos estrear a peça sem ser censurada.

Demos 11 espectáculos com as "Histórias..." mas, perante o avanço popular, a peça perdia todo o sentido. Fizemos reuniões para a modificar, mas o melhor era começar a trabalhar noutra que satisfizesse as necessidades da luta.

Essa peça foi "As espingardas da Mãe Carrar", com a qual demos 148 espectáculos em fábricas e quartéis, nos campos e nas aldeias.

O fascismo foi derrubado, mas muitas das raízes que o alimentavam não foram extirpadas do nosso solo. E aqueles que, sob o terror, iam erguendo como podiam a sua voz de resistência não podem hoje adormecer, como se já vivessem no melhor dos mundos. Denunciar o fascismo, combater os seus focos tenebrosos, cantar a luta pela liberdade e pela justiça que é o dia a dia do povo trabalhador, é a missão da arte. E o teatro deve assumir inteiramente a parte que nessa missão lhe cabe, neste momento da vida de cada um e da História de todos.

Grupo de Teatro de Mem Martins

Helder Costa



No 25 de Abril eu estava lá fora, em Paris. Fui à casa de uma malta amiga, cheguei lá e estava a sobrinha de um camarada, a passar a roupa a ferro e a ouvir rádio (eram para aí umas 11 da manhã) e eu entrei e ela disse assim: "Olha, esta noite houve um golpe em Portugal, Marcelo Caetano está preso e o Tomás" e não sei quê. Eu larguei-me a rir e disse: "Piadas parvas!" Sentei-me numa cadeira normalmente e ela continuou a passar a ferro e não me ligou nenhuma. Passado para aí uma meia hora, notícias de rádio, ORTF: "tal, tal, não sei quê, golpe em Portugal". Eu começo aos pulos. Era mesmo verdade. Havia uma coisa qualquer. Foi assim que eu soube do 25 de Abril. Depois foi um dia de loucura, telefonemas e avisos, aos gritos, uns para os outros em Paris. À noite, já estávamos todos lá no clube, onde havia o Teatro Operário, tudo a discutir e a ver televisão. Os telefonemas para Portugal não se podiam fazer, estava tudo interrompido e a malta: "E agora, como é que é? Não sabemos de nada". Depois pronto, no outro dia era de manhã à noite (imaginem, não é?) conversas, copos, comemorações. Passados uns tempos já estava cá tudo, quase tudo. De maneira que o meu 25 de Abril é isto.





"UM HOMEM NA REVOLUÇÃO

ALGUMAS FOTOGRAFIAS EXTRAÍDAS DA EXPOSIÇÃO QUE CARLOS GIL VAI FAZER NO PORTO, INTEGRADA NO FESTIVAL POPULAR DO 25 DE ABRIL

